



Estudos de Psicologia

ISSN: 0103-166X

estudosdepsicologia@puc-  
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas  
Brasil

de Cássia Sobreira Lopes, Rita; Groff Vivian, Aline; Silva de Oliveira, Débora; Deluchi,  
Michelle; Tudge, Jonathan; Piccinini, Cesar Augusto

Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança entre 24 e 28 meses

Estudos de Psicologia, vol. 29, octubre-diciembre, 2012, pp. 737-749

Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335581010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

# Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança entre 24 e 28 meses

*Maternal feelings about their child's development from 24 to 28 months*

Rita de Cássia Sobreira **LOPES**<sup>1</sup>

Aline Groff **VIVIAN**<sup>2</sup>

Débora Silva de **OLIVEIRA**<sup>3</sup>

Michelle **DELUCHI**<sup>1</sup>

Jonathan **TUDGE**<sup>4</sup>

Cesar Augusto **PICCININI**<sup>5</sup>

## Resumo

O presente estudo visou investigar os sentimentos maternos frente às aquisições de desenvolvimento da criança entre os 24 e 28 meses. Participaram 16 mães primíparas, com idade entre 21 e 36 anos, de nível socioeconômico, escolaridade e *status ocupacional* variados, residentes na região metropolitana de Porto Alegre, com o companheiro. Foi realizada entrevista semiestruturada, submetida à análise qualitativa de conteúdo, abordando a experiência da maternidade e o desenvolvimento da criança. As mães relataram ampliação do vocabulário, motricidade e capacidade de compreensão e memória, bem como oscilação de independência e dependência da criança. Diante dessas aquisições foram expressos sentimentos maternos de prazer, admiração e gratificação, por um lado, e de cansaço, irritação e *stress* por outro. Essas mudanças e o modo como a mãe e a criança lidam com elas, ajudam a configurar seus relacionamentos com o mundo externo e repercutem nas interações entre ambas.

**Unitermos:** Desenvolvimento infantil. Infância. Relações mãe-criança.

## Abstract

*The aim of the present study was to investigate maternal feelings towards their child's developmental acquisitions from 24 to 28 months. Sixteen primiparous mothers, aged 21 to 36, from different socioeconomic backgrounds, took part in the study. They lived with their partners, in the metropolitan region of Porto Alegre. A semi-structured interview was held, which was analyzed using a qualitative content analysis. The analysis focused on maternal experience and child development. Mothers reported a growth of vocabulary, motor skills, understanding and memory capacity, as well as the oscillation in the child's independence and dependence. Maternal feelings of pleasure, admiration and gratification were expressed as well as feelings of tiredness, irritation and stress. These changes and the way mother and child deal with them help to strengthen their relationships with the outside world, and also influence their mother-child interactions.*

**Uniterms:** Child development. Childhood. Mother child-relations.



<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Luterana do Brasil, Curso de Psicologia. Campus Canoas, Av. Faropilha, 8001, São José, 92425-900, Canoas, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: A.G. VIVIAN. E-mail: <avivian@terra.com.br>.

<sup>3</sup> Fundação Escola Superior do Ministério Público, Faculdade de Direito. Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>4</sup> University of North Carolina at Greensboro, Department of Human Development and Family Studies. Greensboro, North Carolina, USA.

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Departamento Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade. Porto Alegre, RS, Brasil.

Agradecimento: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e à Spencer Foundation.

O segundo ano de vida caracteriza-se como um momento importante do desenvolvimento infantil (Perez-Sanchez, 1998), uma vez que há aquisições em termos de linguagem e motricidade, bem como nos aspectos intelectuais/cognitivos e socioemocionais (Brazelton & Greenspan, 2002; Colson & Dworkin, 1997). Essas habilidades e outros temas ligados ao desenvolvimento nessa faixa etária têm sido estudados por diversos autores (Mahler, 1982; Pine, 2004). É preciso atentar não somente para as mudanças e aquisições de desenvolvimento da criança em torno dos 24 meses, como também para as percepções e sentimentos maternos decorrentes dessas alterações (Lopes et al., 2007; Lopes et al., 2009).

A linguagem é uma das importantes aquisições que se complexificam durante o segundo ano (Colson & Dworkin, 1997). Cada criança adquire seu ritmo próprio (Reid, 1992), e o aumento da aptidão para a linguagem favorece o incremento da capacidade de raciocinar. Além disso, a ampliação da capacidade de compreender dá-se a partir das perguntas e respostas feitas e dadas à criança. Para essa autora, algumas mães acham mais fácil relacionar-se com uma criança com quem possam conversar e que já fale com elas, expressando suas necessidades. Contudo, essa nova demanda pode esgotar os pais.

Além dos avanços em termos de comunicação, ocorre significativo incremento da motricidade. Caminhar permite à criança maior capacidade de explorar o ambiente, bem como realizar movimentos de afastamento e de reaproximação de seus cuidadores (Brazelton, 2002; Mahler, 1982). Ao se locomover, a criança adquire maior autonomia física, mas psicologicamente ainda precisa explorar a ideia de efetivar separações em relação à mãe (Miller, 1999). Outras explorações do ambiente também são favorecidas pelas habilidades de motricidade fina e ampla (Lopes et al., 2009). O comportamento exploratório favorece à criança dimensionar, em alguma medida, seus próprios recursos. Isso ocorre através da possibilidade de simbolizar por meio dos brinquedos e da manipulação de objetos disponíveis no ambiente (Steiner, 1999).

Quanto às aquisições intelectuais/cognitivas, observa-se que, nesse período, vão desde as brincadeiras simbólicas (Mendes & Moura, 2004) e a compreensão de regras simples até a imitação (Moura & Ribas, 2002).

Além do simbolismo, em termos sociais, as brincadeiras são formas de a criança aprender a lidar com o mundo externo e a interagir com ele (Steiner, 1999), tornando-se possível a cooperação (Brownell & Carriger, 1990). Novas habilidades de memória são adquiridas entre os 18 e 24 meses, especialmente na função executiva (McGuigan & Núñez, 2006). Aos 24 meses, estereótipos em relação ao gênero já são identificados em atividades realizadas por meninos e meninas (Poulin-Dubois, Serbin, Eichstedt, Sen & Beissel, 2002).

Em termos socioemocionais, por volta dos 2 anos ou até antes, as crianças começam a brincar de faz-de-conta. Essa atividade é muito significativa, uma vez que permite às crianças criarem situações que as ajudam na resolução de conflitos emocionais (Mamede, 2002). As brincadeiras auxiliam a criança a lidar com sentimentos e emoções, como o amor e o ódio, que podem ser simbolizados por meio dos brinquedos (Reid, 1992). Além disso, favorecem a revelação de pensamentos com mais intensidade, por meio de palavras e de brincadeiras de imitação de adultos (Brazelton & Cramer, 1992). A partir do brincar, a criança pode aprender a diferença entre imaginação e realidade, descobrindo a maneira como as pessoas se comportam, experimentando diferentes papéis e ensaiando novas aptidões.

As aquisições socioemocionais também conferem maior independência à criança (Mamede, 2002; Reid, 1992). Destacam-se as expressões de independência, muito embora haja oscilações (Steiner, 1999). Com base na teoria winniciottiana, ao longo do desenvolvimento, as conquistas alcançadas podem ser perdidas, em momentos de regressão (Winnicott, 1983). O processo de amadurecimento não é linear e pode incluir a possibilidade de regredir a qualquer momento do desenvolvimento (Dias, 2003). Esses movimentos podem ser percebidos, especialmente, nos primeiros anos de vida, uma vez que a criança começa a progredir rumo à autonomia, alternando sua necessidade de estar sozinha com seu desejo de ser tratada como bebê (Brazelton & Cramer, 1992).

As aquisições e novas habilidades interligam-se e relacionam-se, contribuindo para o desenvolvimento infantil. Ao longo dos dois primeiros anos também ocorrem mudanças para as mães, tanto em seu papel e responsabilidades, quanto em suas expectativas

e comportamentos em resposta às demandas do filho (Gardner & Deatrick, 2006). As necessidades da criança modificam-se com o crescimento. É ampla a investigação das aquisições nos primeiros anos de vida. Contudo, as implicações dessas aquisições para o desenvolvimento emocional da criança precisam ser mais exploradas (Lopes et al., 2007; Mahler, 1982), bem como as repercussões nos sentimentos maternos (Dunn, Plomin, & Daniels, 1986; Lopes et al., 2007; Lopes et al., 2009).

As aquisições em termos de desenvolvimento infantil significam muito para a mãe, despertando intensos sentimentos em cada fase. Lopes et al. (2007) realizaram um estudo, envolvendo 28 mães de bebês, aos 12 meses, que foram entrevistadas a respeito do desenvolvimento infantil. Os resultados mostraram que a criança apresenta novas aquisições de linguagem, locomoção e exploração, o que lhe permite realizar movimentos de afastamento e reaproximação do cuidador. Nesse momento, a mãe ocupa papel fundamental, pois proporciona oportunidades para descobertas e favorece explorações. A criança costuma alterar seu comportamento, de maior passividade para maior atividade, desencadeando nas mães diferentes sentimentos.

Em outro estudo sobre os sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança de 18 a 20 meses, envolvendo 14 mães, Lopes et al. (2009) revelaram incremento nas aquisições linguísticas, motoras, socioemocionais e intelectuais/cognitivas. As aquisições de linguagem e as intelectuais/cognitivas favoreceram a comunicação e entendimento entre mãe e criança. Em relação às aquisições socioemocionais e motoras, destacaram-se os movimentos de independência, indicados pela exteriorização de preferências, sentimentos e opiniões próprias. As crianças demandaram maior atenção e disponibilidade materna, despertando, novamente, sentimentos intensos. Embora algumas aquisições de desenvolvimento já estejam presentes aos 12 e aos 18 meses da criança (Lopes et al., 2007; Lopes et al., 2009), aos 24 meses ocorre um incremento de aquisições linguísticas, motoras, socioemocionais e intelectuais/cognitivas, além de maior oscilação de comportamento entre independência e dependência (Steiner, 1999).

Em pesquisa realizada em bases de dados (*PsychInfo*, *SciELO*, *BVS-Psi*, *EBSCOhost*, *Lilacs* e *MedLine*), foram encontrados estudos empíricos nacionais e

internacionais, alguns deles destacados acima, que investigaram o desenvolvimento infantil no segundo ano de vida. De modo geral, a literatura explorou o tema em contextos diferenciados, tais como habilidades de desenvolvimento de prematuros (Lamônica & Picolini, 2009). No que se refere à maternidade e à interação com a criança, foram localizados estudos que abordaram temas específicos, como o impacto da depressão materna na qualidade da interação com o filho (Cornish, McMahon & Ungerer, 2009) ou a experiência da maternidade e doença crônica (Castro & Piccinini, 2004). Outros estudos abordaram a interação mãe-criança, a corregulação em momentos de brincadeira (Aureli & Presaghi, 2010) ou as práticas educativas (Alvarenga & Piccinini, 2009). Embora a literatura envolvendo o desenvolvimento infantil no segundo ano seja extensa, constatou-se uma lacuna de estudos sobre o tema focalizado no presente estudo. Não foram encontrados artigos que explorassem de forma qualitativa as percepções e sentimentos maternos frente às aquisições infantis a partir dos 24 meses, nem tampouco a repercussão do desenvolvimento para as mães e crianças.

Tendo em vista que as aquisições de desenvolvimento no segundo ano de vida da criança são rápidas e significativas, ocorrendo tanto períodos de regressão quanto comportamentos de independência (Lopes et al., 2009), torna-se importante atentar para as repercussões emocionais que o desenvolvimento infantil desencadeia nas mães. A experiência emocional pode suscitar diversos sentimentos durante este período. Torna-se necessário compreender como isso repercuta na maternidade e no relacionamento mãe-criança. A partir de um referencial teórico da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise, busca-se apresentar contribuições, com base na discussão dos resultados, para o avanço do conhecimento sobre o tema. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo investigar os sentimentos maternos expressos frente às aquisições de desenvolvimento da criança, entre 24 e 28 meses de idade.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 16 mães, com idade entre 21 e 36 anos, que tinham um único filho (este

termo será usado neste artigo como sinônimo para menino e menina) (8 meninos e 8 meninas), entre 24 e 28 meses. As famílias eram de nível socioeconômico variado, residentes na região metropolitana de Porto Alegre e o marido ou companheiro, pai da criança, residia junto. Em termos de *status* ocupacional da família, 3 mães (18,75%) não trabalhavam e as demais variaram de profissões, classificadas em *status* médio (2; 12,50%), médio-baixo (3; 18,75%), médio-alto (7; 43,75%) e alto (1; 6,25%) Hollingshead, (1975) e Tudge e Frizzo, (2002). A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas das participantes.

A amostra foi selecionada, com base nos critérios descritos acima, dentre os participantes do "Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola"- ELPA (Piccinini, Tudge, Lopes & Sperb, 1998), que teve por objetivo investigar diversos aspectos subjetivos e comportamentais das interações iniciais pais-bebê, bem como o impacto de fatores iniciais do desenvolvimento nas interações familiares, no comportamento social de crianças pré-escolares e na transição para o ensino fundamental. O estudo iniciou acompanhando 81 gestantes, que não apresentavam intercorrências clínicas, com o bebê, que era seu primeiro filho. Os participantes representavam várias configurações familiares (nucleares, monoparentais ou recasados), com idade (adultos e adolescentes), escolaridade e nível socioeconômico variados. Como parte do ELPA, foram realizadas

coletas de dados desde a gestação até os 8 anos das crianças. Para fins do presente artigo, foram incluídos todos os casos que atendiam aos critérios descritos acima, com dados completos na coleta de dados aos 24 meses da criança. O ELPA foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Resolução nº 98293), bem como as participantes assinaram o de Consentimento Livre e Esclarecido.

### Procedimentos e instrumentos

Os sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança no segundo ano foram investigados por meio de uma entrevista respondida pela mãe, quando a criança estava com idade entre 24 e 28 meses. As famílias foram contatadas e convidadas a um encontro na Sala de Brinquedos do Instituto de Psicologia da UFRGS. Nessa ocasião, a mãe respondia à *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Bebê aos Vinte e Quatro Meses* (Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia, 1999), além de outros instrumentos descritos em Piccinini et al. (1998), cujos dados não foram incluídos no presente artigo. Essa entrevista estruturada era composta de diversos temas sobre desenvolvimento infantil, experiência da maternidade, percepções maternas sobre os cuidados oferecidos à criança pelo pai, creche e outros cuidadores. A entrevista foi realizada de forma semidirigida, e o

**Tabela 1.** Características sociodemográficas das participantes. Porto Alegre (RS), 2009.

Mãe	Idade Mãe	Escolaridade	Ocupação	NSE	Sexo da criança	Idade da criança
M1	26	Fundamental completo	Doméstica	1	Feminino	24,0
M2	22	Médio completo	Dona de agropecuária	3	Masculino	24,0
M3	21	Médio completo	Dona de casa	2	Masculino	25,0
M4	33	Médio completo	Auxiliar de laboratório	4	Feminino	24,0
M5	26	Fundamental incompleto	Auxiliar de escritório	2	Feminino	24,0
M6	28	Fundamental incompleto	Dona de casa	1	Masculino	25,0
M7	31	Médio completo	Técnico de enfermagem	4	Feminino	24,0
M8	21	Fundamental completo	Auxiliar de almoxarifado	2	Masculino	27,0
M9	27	Superior incompleto	Dona de casa	4	Masculino	24,5
M10	33	Superior incompleto	Professora de ioga	4	Masculino	26,0
M11	26	Médio incompleto	Digitadora/garçonete	3	Feminino	26,0
M12	32	Superior completo	Inspectora de polícia	4	Feminino	24,5
M13	26	Fundamental incompleto	Doméstica	1	Feminino	24,5
M14	36	Superior completo	Secretária	4	Masculino	28,0
M15	33	Superior completo	Pedagoga especial	5	Masculino	25,0
M16	30	Médio completo	Chefe de setor fábrica	4	Feminino	24,0

entrevistador foi orientado a explorar as respostas maternas.

Para fins de análise, foram particularmente examinadas as seguintes questões: *Como está o desenvolvimento do/a (nome)? O que ele é capaz de fazer que te chama mais a atenção? Como tem sido a comunicação com (nome)? Como é que ele/abriga? Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 2 anos? Como tu estás te sentindo como mãe nesse momento?* Caso o conteúdo investigado aparecesse em outros momentos da entrevista, era também considerado, para fins de análise.

Além da entrevista com a mãe, foram considerados dados oriundos da *Ficha de Contato Inicial* (GIDEP, 1998b), que investigava se a mãe e a família preenchiam os critérios de inclusão, e da *Entrevista de Dados Demográficos* (GIDEP, 1998a), para caracterizar a escolaridade e o nível socioeconômico. Tais instrumentos foram respondidos pela mãe ainda na gestação.

## Resultados

Foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999) para examinar os sentimentos das mães frente ao desenvolvimento do filho, entre os 24 e 28 meses, em particular quanto às novas aquisições nesse período. Para fins de análise, foram criadas quatro categorias baseadas na literatura (Brazelton, 2002; Colson & Dworkin, 1997; Newcombe, 1999; Papalia, Olds & Feldman, 2006; Shaffer, 2005), que refletiam as principais aquisições de desenvolvimento da criança nessa idade: 1) *linguagem*; 2) *motoras*; 3) *intelectuais/cognitivas*; e 4) *socioemocionais*. Quanto aos sentimentos maternos em relação às novas aquisições, observaram-se: 1) sentimentos de prazer, admiração e gratificação; 2) sentimentos de cansaço, irritação e stress; 3) sentimentos ambivalentes (Lopes et al., 2007). Após leituras exaustivas das transcrições das entrevistas, duas das autoras do presente estudo classificaram separadamente os relatos das mães em cada categoria e, em caso de discordância, utilizou-se outro autor para obter-se um consenso. A seguir, serão apresentadas e discutidas as categorias temáticas, buscando exemplificá-las através das verbalizações das mães.



\* O número entre parênteses indica a quantidade de mães que referiram a aquisição mencionada.

### Aquisições de linguagem

Essa categoria temática refere-se à aquisição da linguagem do filho e aos sentimentos maternos frente à mesma. De modo geral, as mães apontaram incremento no desenvolvimento da linguagem: “*Tá desenvolvendo, cada dia que passa desenvolve uma coisinha diferente, fala uma coisa diferente. Coisa que a gente não ensinou*” (M2, 24m). As mudanças na linguagem foram ressaltadas por algumas mães (4)<sup>6</sup> que perceberam a fala como uma evolução significativa: “*Mudou tudo. Com 1 ano e meio não falava, não entendia muita coisa. Evolui muitíssimo. Fala super bem*” (M14, 28m).

Algumas mães destacaram a crescente habilidade de fala do filho (4) e o uso de frases (8) como algo que favoreceu a expressão da criança: “*Ela melhorou bastante, agora tá falando praticamente tudo, tá bem mais esperta. Tá falando bem mais declarado né? Tem resposta pra tudo*” (M5, 24m). “*Ele fala, monta as palavras... monta as frasezinhas, elabora*” (M10, 26m). Entretanto, mesmo com o incremento da linguagem, algumas mães (3) relataram que a criança ainda necessitava delas para se fazerem compreender pelos outros: “*Fala tudo. Só tem coisas que só eu e o pai dela e as pessoas que convivem, conseguem definir bem. Às vezes fala e eu tô entendendo, mas as pessoas dizem: 'Traduz pra mim'*” (M7, 24m).

A repetição e imitação também foram apontadas por algumas mães (4) como tentativas de comunicação por parte da criança: “*Tá falando bem direitinho algumas coisas, ela tenta falar, né?! Repete, imita a gente em tudo*” (M4, 24m). A iniciativa de interagir, a partir da fala, também foi relatada por duas mães: “*Interage, como se estivéssemos conversando nós três. Qualquer assunto que ele entender, pega e repete, fala*” (M10, 26m).

Algumas mães (3) referiram ainda que a criança adquiriu maior capacidade de identificar e nomear objetos: “*Ele sai na rua dizendo, lotação, ônibus, táxi, carro da vovó, do vovô, vai identificando*” (M15, 25m). Mesmo com as novas aquisições, algumas crianças (3) ainda apontavam para objetos e se expressavam por meio de gestos, a fim de interagirem e se comunicarem: “*Gesticula mais do que fala... eu finge que não entendi pra ver se ele falava alguma coisa. Ele veio, pegou a garrafa e ficou*

*girando a mão e me mostrando que era pra abrir, mas não fala. Fala muito pouco*" (M6, 25m). Em contrapartida, uma mãe destacou a substituição do uso de gestos pela fala: "Antes ela apontava, agora já tá dizendo: 'cama minha'" (M12, 24m). O uso de pronomes de autorreferência também foi percebido (3): "Ela nunca falava: eu te amo, agora que começou. Antes eu perguntava: 'a D. ama a mamãe?', e ela: 'ama', agora, ela fala: 'eu te amo mamãe'" (M13, 24m).

No que se refere aos sentimentos expressos frente à aquisição de linguagem, a maioria das mães (12) relatou sentimentos de admiração e gratificação pelo fato de a criança estar se comunicando mais e de ter incrementado sua capacidade de comunicação, expressão e entendimento: "Ela conta tanta coisa que a gente fica admirada. Acho que tá falando muito bem sabe! Ah me sinto bem, né?" (M1, 24m); "Ah, tá sendo muito bom, muito gratificante" (M10, 26m); "Nossa! Muito melhor. Dá pra entender, até pra ele, aquela angústia dele querer falar alguma coisa e a gente não saber" (M9, 24m). Também ficaram impressionadas diante dessa nova habilidade: "As atitudes que ela toma, né?! De vez em quando tu não espera! Às vezes, tu fica olhando pra ela e pensando, como é que sabe que tem que responder isso?" (M4, 24m). As mães (3) também se sentiram contentes e satisfeitas pelo fato de a aquisição de linguagem repercutir especialmente na relação delas com a criança: "Eu me sinto bem contente, sabe? Dá uma emoção vendo ela falando cada vez mais. Ela aprende a falar uma palavra nova ou frases assim, sabe? Acho bem legal. A.M.E. tá crescendo! Fico bem emocionada" (M11, 26m). Apenas uma mãe expressou sentimentos de cansaço e irritação diante das novas exigências da criança mediante o incremento da linguagem: "Óbvio que às vezes cansa; fala demais, às vezes tu está cansada, irrita!" (M4, 24m). Sentimentos ambivalentes não foram expressos.

### Aquisições motoras

Essa segunda categoria diz respeito às aquisições motoras e aos sentimentos maternos despertados. Os relatos foram classificados em duas subcategorias: *fina* e *ampla*. Quanto à motricidade fina, foram consideradas as habilidades mais específicas como rabiscar, desenhar formas simples, segurar e manipular objetos. Já a ampla referiu-se a caminhar, correr ou movimentar-se ativamente.

A motricidade fina foi destacada no que se refere a segurar e manipular objetos com maior destreza para realizar pequenas tarefas: "No momento que já teve coordenação motora, já começou a pedir xicrinha, copinho, canequinha e já começou a tomar" (M10, 26m). "Ela quer 'ecová dente', fala.... E esfrega, quer botar toda hora a pasta na escovinha e enche o copo e adora escovar" (M1, 24m). Algumas mães (2) também mencionaram que o filho já desenhava, o que favorecia a interação com os outros: "Ela desenha todo o mundo e gosta de pedir pros outros desenhar também. 'Faz nenê?'" (M11, 26m).

Essa maior habilidade motora foi percebida pelas mães (5) como algo que ampliou a capacidade de exploração e uso de objetos por parte da criança: "As minúcias ela consegue fazer bem direitinho... pega o copinho, com dois dedos e toma direitinho" (M12, 24m). Essa aquisição também foi percebida como forma de distração da criança: "Gosta de brincar mais com essas pecinhas de montar, de encaixar" (M9, 24m). Em termos de motricidade ampla, as mães (14) apontaram novas habilidades, em geral maior atividade física, como dançar, andar de bicicleta, passear, subir em brinquedos e móveis sozinhos: "Ah! música ela tem as que gosta, fica dançando" (M16, 24m). "Ele anda de bicicletinha, gosta de cavalinho, gosta de passear na rua, pede pra fazer isso" (M6, 25m).

Algumas mães (5) associaram as aquisições motoras à percepção do filho como uma criança agitada ou inquieta: "Ele é super inquieto, não para... agitado. Fica de um lado pro outro... não consegue ficar parado, sentadinho" (M8, 27m); "Essas brincadeiras de luta é agitação total. Ele corre, grita, cai, sai correndo, volta correndo" (M3, 25m).

Quanto aos sentimentos expressos, algumas mães (3) manifestaram cansaço e dificuldade de conter a criança em momentos de agitação: "Nunca quer [trocar a roupa] também. É tudo sempre à força, pega um braço e tira o outro... é assim, é difícil" (M9, 24m). "Ah, muito cansativo. Porque eu trabalho, chego em casa cansada... ela quer tudo, né? Quer ir passear, quer brincar e quer colo" (M1, 24m). Uma mãe referiu sentir medo em relação à segurança do filho, especialmente em função das aquisições motoras amplas: "Antes se alguém levava ele pra passear tava no carrinho ou tava no colo, era bebê, não corria. Que agora ele é muito danado, foge, corre. Então por isso que tenho mais medo" (M9, 24m).

Os sentimentos ambivalentes foram expressos nos relatos (2) em termos de hesitação entre deixar o filho mais livre para brincar ou supervisionar sua atividade motora: "Eu não fico em cima, dou liberdade, deixo, ele sobe no escorregador sozinho e desce, mas tô bem, se precisar correr consigo pegar ele" (M9, 24m). "E na escada ali também eu cuido, porque mesmo que ela saiba subir, às vezes a gente fica com medo, mas ela que sobe sozinha" (M12, 24m). Apenas uma mãe expressou sentimentos de satisfação relativos à motricidade da criança: "Acho um sarro ver ela dançando, ela se concentra naquela hora que as crianças estão fazendo e dança e tenta falar, cantar, sabe? Muito engraçado" (M11, 26m).

### Aquisições intelectuais/cognitivas

Essa categoria diz respeito às aquisições intelectuais/cognitivas e aos sentimentos maternos despertados. As falas das mães foram classificadas em termos de *capacidade de entendimento, memória e compreensão de regras, comportamentos de imitação e brincadeira simbólica*.

As mães (11) destacaram a memória e a capacidade de entendimento da criança: "Ele tem uma memória incrível né... isso tá ficando cada vez mais" (M15, 25m); "Aquele joguinho de encaixe, ela coloca bem direitinho todos no lugar, se tu dá um triângulo ela sabe o lugar que entra, qual é o quadrado e se coloca algum errado ela experimenta e vira de todos os jeitos e diz assim oh: 'Não é né, não é'" (M12, 24m). As mães (4) relataram capacidade de compreensão de regras e conceitos passados aos filhos: "Acho que porque agora ele tá mais velhinho, entende que existem outras pessoas, as pessoas estão admirando ou não. Que nem a gente tá sempre em cima, tem mais não do que sim, então acho que agora ele descobriu que não é único no mundo, né?" (M9, 24m). A brincadeira simbólica foi destacada pelas mães (8): "Tudo que a gente faz nela, ela faz com a boneca dela, de dar remédio, leva o nenê pra creche" (M1, 24m); "Adora botar a bolsa e dar tchau, sair pra passear, trabalhar, adora fazer isso. Pega a boneca, a bolsa e vai" (M13, 24m). Comportamentos de imitação foram relatados pelas mães (8), tanto no contexto familiar quanto em termos de brincadeiras: "Ah, faz tudo igual. Ele imita tudo, tudo" (M10, 26m); "Então tudo que o que eu faço no fogão, ela imita... ela tá ali fazendo comida em volta... aquela imaginação dela" (M5, 24m).

Quanto aos sentimentos expressos, algumas mães (8) admiravam-se com a inteligência dos filhos e sua capacidade de compreender regras: "Ah, eu acho que tá superbem, superinteligente. Bahela me surpreende, assim, como ela é inteligente" (M13, 24m). Também foram relatados sentimentos de admiração e surpresa (5) pelo fato de a criança ter superado suas expectativas em termos de aquisições de desenvolvimento intelectual-cognitivo, mesmo não tendo sido ensinadas: "É incrível como o M. tem evoluído. Hoje parece que tem um entendimento, amanhã, já tá entendendo mais, isso é muito da fase, de aquisições, às vezes me surpreende... é muito legal essas surpresas" (M15, 25m); "Tem coisas que eu fico apavorada! Ele conta até 10 direitinho e nunca ensinei, diz que aprendeu subindo as escadas e passa o tempo todo agora contando: 1, 2, 3 e volta" (M8, 27m).

Os sentimentos de cansaço estiveram ligados à necessidade das mães (3) de dar limites ou explicações para auxiliar a criança a entender algumas situações: "poxa, não queria ser aquelas mães chatas dizendo não o tempo inteiro. E tô vendo que sou obrigada a fazer isso porque ou eu faço isso ou eu vou ver o meu filho... uma criança chata, sabe? Que não dá pra conviver" (M3, 25m). Os sentimentos ambivalentes foram expressos pelas mães (2) que, ao mesmo tempo que apreciavam o entendimento do filho, também se estressavam com o ritmo de aquisições intelectuais/cognitivas: "Tô adorando, tô gostando bastante, gosto dessa coisa da criança crescer, a única coisa que acho que me estressa um pouquinho é quando não quer fazer o que tu sabe que é certo... Mas acho também que é querer demais né, que qualquer criança pra crescer precisa entender o que tá acontecendo, o que pode o que não pode" (M12, 24m); "Maravilhosa. De vez em quando tu te estressa, mas é muito bom. É, assim, uma magia, acho que foi a melhor coisa da minha vida ser mãe" (M7, 24m).

### Aquisições socioemocionais

Essa categoria diz respeito às aquisições socioemocionais, expressas predominantemente em termos de independência e dependência, e aos sentimentos maternos despertados. As aquisições socioemocionais, em termos de independência, foram relatadas pelas mães (2): "Ela é super independente, quer ser independente" (M12, 24m). De modo geral, o relato sugeriu

que essa independência esteve associada a manifestações de opiniões e escolhas próprias dos filhos: “*Ele tá independente, de escolher.... Até essa coisa de escolher o tênis*” (M15, 25m); “*Ela escolhe a roupa que vai sair já. Pelo menos até agora tá demonstrando, que tem personalidade, que já sabe determinar*” (M5, 24m). A independência também foi associada, por algumas mães (6), à teimosia e insistência da criança: “*O comportamento dela mudou bastante também. Ela tá bem mais independente, né? Mais brigona, lutando mais pelas coisas. Briga pelo que quer, chora, bate o pé*” (M7, 24m); “*Ele não aceita muitas vezes que tu faça as coisas, ele diz 'Não é assim'. Ele é que quer determinar as coisas, e é teimoso*” (M14, 28m). As mães (8) também apontaram que seus filhos tomavam iniciativa na interação com outras crianças: “*Ele é muito sociável. Não pode enxergar uma criança que já abraça, adora*” (M2, 24m). Embora gostassem muito de brincar e dividir os brinquedos, as crianças (5) também manifestavam opiniões: “*gosta muito de dividir, mas a guriazinha queria as três [bonecas]. Aí, ela disse: 'Não! É moun!', quer dizer, 'É dela, ué!'*” (M4, 24m).

A independência ainda foi relacionada às preferências das crianças em diversas áreas do desenvolvimento, como alimentação, cuidados pessoais e de higiene (troca de roupas e fraldas, banho, higiene bucal). As mães (7) apontaram que os filhos passaram a expressar opiniões mais enfáticas, preferindo fazer tarefas sem ajuda: “*Come sozinho, tem o garfinho dele. Não quer que a gente dê, senão não come*” (M9, 24m); “*não queria botar uma meia que tava botando nele, ele escolhe, tem preferência já por roupas*” (M6, 25m).

Além das aquisições de independência, percebeu-se também nos relatos (6) referência à dependência, a qual esteve relacionada ao fato de a criança ser muito ligada à mãe: “*É, acho que melhora bastante [indo para a escola] também, porque é uma criança muito dependente... é muito ligada comigo*” (M5, 24m). As mães (11) relataram que os filhos buscavam a presença e o contato físico, especialmente em momentos de brincadeira e na hora do sono, repercutindo na relação: “*É chamar a gente, ele tá sempre: 'mãe, vamos jogar'. Ele traz dois carrinhos pra ele e um pra mim ou um pra ele e outro pro pai dele*” (M3, 25m); “*Tem noite que ele acorda umas quatro vezes. Me chama, daí vou lá e só coloco a mão nele. Daí ele dorme, daí eu saio bem devagarinho*” (M9, 24m).

Os momentos de separação propiciaram tanto a expressão de independência, como de dependência, embora algumas crianças oscilassem diante do afastamento das mães em termos de independência, a maioria das mães (6) apontou que as crianças passaram a se separar delas com mais tranquilidade: “*vai pra creche, agora tá bem independente. Chega na porta, te dá beijo e ela mesmo vai sozinha na sala, não quer que ninguém leve. Te dá tchau e vai carregando a mochila e vai*” (M7, 24m). Por outro lado, algumas crianças (3) procuravam a presença materna ou apresentavam dificuldades em se separar, sugerindo dependência: “*Anda em volta da gente, assim, né?! Parece que ali tem proteção, não sei, né?!*” (M4, 24m). Ainda houve oscilações (3), manifestas através de choro e descontentamento por parte da criança nas separações, seguidos de bem-estar: “*ele fica com a mãe aqui. A mãe diz que ele fica super bem. Ele chora um pouquinho a hora que eu sair, depois ele nem pergunta mais*” (M10, 26m).

Quanto aos sentimentos expressos diante das aquisições socioemocionais da criança nesse período, em especial de independência, observou-se que as mães (5) sentiram-se indignadas, bravas e impotentes frente às birras e teimosia dos filhos: “*Aquela coisa da teimosia, do dizer 'não'. De atirar as coisas no chão quando tá indignada, então me incomodo um pouquinho*” (M12, 24m); “*é uma criança muito agitada e teimosa. Espero que não fique mais, tão teimoso, maior fica pior ainda, né? Aí eu não controlo, se não tô conseguindo controlar com 2 anos*” (M8, 27m). As mães (2) também indicaram stress e cansaço no momento de alimentação: “*Estressante mesmo, tem vez que prefiro largar e deixar ela comer do jeito que come, porque começa a medir embrulho no estômago. Tem que ficar brigando, tem que comer pra ir pro colégio, tem que preparar ela, sabe?*” (M11, 26m).

Por outro lado, as mães (4) indicaram sentimentos de gratificação, na medida em que perceberam os filhos crescendo e adquirindo autonomia: “*Não tem nem palavras, tu vê aquele bebê inocente e daqui a pouco tu vê aquela criança independente, é muito gratificante*” (M16, 24m); “*É maravilhoso até outro dia ela era um bebezinho, agora tá independente, fazendo as coisas do jeito dela, não nem tem palavras pra explicar*” (M16, 24m). Apenas duas mães expressaram sentimentos ambivalentes, na medida em que ora sentiam-se bem frente à independência do filho, ora lamentavam perceber seu crescimento e

sua ausência: "Hoje em dia tem muito mais coisas que me atraem fazer com ele, antes me sentia muito presa e essa coisa de tá se independizando também pra mim fica melhor. Eu sou uma pessoa que gosta de independência, e o M. ser assim eu fico feliz. Não é que é bom, claro que às vezes dói assim, ai ele tá crescendo" (M15, 25m); "Tanto ele tá grudado em mim quanto eu nele. Quando saio, acho ruim, mas depois que eu tô fora não, não fico pensando, sabe? Eu aproveito, acredito até que é bom ficar um tempo longe" (M9, 24m).

Quanto aos sentimentos expressos frente à dependência, observou-se que apenas uma mãe indicou prazer diante das demandas de carinho e colo: "Gosto muito, ele pede o meu colo... fico boba! Tenho todo o tempo do mundo, fico melando, mimando, beijando, adoro esses momentos quando pede minha atenção" (M3, 25m). Algumas mães (8) expressaram cansaço diante das demandas de interação: "Ah, tô mais cansada... Ela chega, daí rouba muito tempo, não consigo fazer nada, é tudo pra ela. Ai é bem estressante" (M13, 24m).

## Discussão

Os resultados do presente estudo indicaram diversas aquisições linguísticas, motoras, intelectuais/cognitivas e socioemocionais no segundo ano de vida da criança, despertando diferentes sentimentos maternos, desde gratificação e admiração, até cansaço e irritação. Esses achados corroboram dados da literatura da psicologia do desenvolvimento, que apontam que nessa faixa etária há importantes aquisições, especialmente no que se refere à linguagem e motricidade, e aos aspectos intelectuais/cognitivos e socioemocionais (Brazelton & Greenspan, 2002; Colson & Dworkin, 1997).

Ainda a partir de um modelo conceitual psicanalítico, embasado na teoria do amadurecimento winniciottiana, comprehende-se o desenvolvimento não como uma trajetória linear, mas com uma tendência inata à integração que inicia na infância e prossegue por toda a vida (Dias, 2003). Além disso, a teoria winniciottiana dá importância à adaptação do ambiente frente às necessidades mutantes do ser humano ao longo da vida. Ao analisar os sentimentos maternos frente às aquisições aos 24 meses, os dados deste estudo contribuem para visualizar a evolução do ambiente concomitantemente à da criança.

No que tange às aquisições de linguagem, houve destaque para a crescente habilidade de comunicação e expressão infantil. As crianças mostraram iniciativa para interagir através da fala, utilizaram-se de frases, de pronomes de autorreferência, de imitação e repetição, para ampliação de seu vocabulário, além de demonstrar maior capacidade para identificar e nomear objetos. Mostraram-se ainda ativas na tentativa de serem compreendidas por seus pais, utilizando recursos de linguagem para a expressão de situações que queriam compartilhar. Mesmo com o aumento dessas habilidades, algumas crianças ainda precisavam do auxílio das mães para serem entendidas pelos adultos.

Esses achados corroboram dados de pesquisa que apontam que no segundo ano há importante incremento na linguagem, favorecendo e ampliando a possibilidade de interação com os adultos (Colson & Dworkin, 1997; Reid, 1992). A comunicação através do uso de frases completas destacou-se aos 24 meses, diferentemente do que se observou aos 18 meses (Lopes et al., 2009) e aos 12 (Lopes et al., 2007). Neste estudo, essas aquisições suscitaram predominantemente sentimentos de admiração e satisfação nas mães, pelo fato de a criança ter ampliado sua capacidade de expressão e entendimento, repercutindo na relação da diáde. Quanto à linguagem, corroboram-se as ideias de Reid (1992), que considera que a idade entre os 2 e 3 anos é particularmente estimulante para os pais, pelo aumento da capacidade de a criança se expressar e compreender a comunicação dos outros. Contudo, nesse período talvez apenas os pais consigam compreender a fala do filho, mas à medida que o tempo passa essa habilidade se estende para outras pessoas e isso ajuda a revelar parte do mundo para a criança.

Com referência às aquisições motoras, houve destaque para as habilidades ligadas à motricidade ampla. A maior atividade física foi associada à agitação e à inquietação por parte da criança. As aquisições em termos de motricidade ampla permitem à criança maior capacidade de explorar o ambiente (Brazelton, 2002; Mahler, 1982), estando associadas às aquisições socioemocionais em termos de independência, em função da maior habilidade para realizar movimentos de afastamento ou reaproximação de seus cuidadores. Quanto à motricidade fina, as crianças apresentaram maior destreza ao segurar e manipular objetos, ampliando sua

capacidade de exploração. As explorações, favorecidas pelas habilidades de motricidade fina, possibilitam à criança descobrir seus próprios recursos (Lopes et al., 2009; Steiner, 1999). Assim como aos 18 meses, neste estudo, as mães associaram o incremento na motricidade à agitação das crianças (Lopes et al., 2009). Contrastando com essas habilidades, aos 12 meses, as mães destacavam particularmente a mudança de passividade para maior atividade, expressa através do comportamento exploratório (Lopes et al., 2007).

As aquisições motoras despertaram nas mães preponderantemente sentimentos ambivalentes e de cansaço e irritação. Os sentimentos ambivalentes caracterizaram-se por hesitação entre deixar a criança mais livre para brincar ou supervisioná-la. Algumas mães relembraram a diferença de quando o filho era bebê e não se locomovia, como um período em que ficavam mais próximas, demandando outro tipo de atenção. Para Winnicott (2005), ao acompanhar o crescimento de seus filhos, tudo pode parecer ao mesmo tempo muito devagar e muito rápido para os pais. Essas constatações foram bastante semelhantes aos 18 meses da criança (Lopes et al., 2009).

As aquisições intelectuais/cognitivas incluíram aumento na capacidade de entendimento e compreensão de regras e conceitos, corroborando pesquisas sobre o tema (Mendes & Moura, 2004; Moura & Ribas, 2002). Essa maior capacidade de raciocínio e de compreensão de regras e conceitos pode também estar relacionada às aquisições de linguagem (Colson & Dworkin, 1997; Reid, 1992). Nesse sentido, pode-se pensar que o incremento da linguagem, encontrado no presente estudo, também esteve associado às aquisições intelectuais/cognitivas relatadas pelas mães.

Foram ainda destacadas as brincadeiras simbólicas e os comportamentos de imitação. Diferentemente dos 18 meses (Lopes et al., 2009), não foram relatados tantos comportamentos de oposição, apesar dos relatos de teimosia, destacando-se a aquisição de entendimento por parte dos filhos. Contudo, no presente estudo, também se ampliaram os comportamentos de imitação, acrescidos às brincadeiras simbólicas, descritos, inicialmente, aos 12 meses, por Lopes et al. (2007) e aos 18 meses (Lopes et al., 2009), demonstrando que as crianças seguem um processo de amadurecimento e aquisição de novas habilidades. Em termos inte-

lectuais/cognitivos, as brincadeiras também são formas de a criança aprender a interagir com outras pessoas (Steiner, 1999) e cooperar (Brownell & Carriger, 1990), a partir da capacidade de entendimento que se amplia nesse período. As brincadeiras simbólicas também auxiliam as crianças na resolução de conflitos emocionais (Mamede, 2002), e a lidarem com diferentes sentimentos e emoções (Reid, 1992).

Diante dessas aquisições, as mães expressaram admiração pela capacidade dos filhos, superação de expectativas e surpresa em relação às novas habilidades. Por outro lado, houve tanto apreciação pelo maior entendimento da criança, quanto stress diante das exigências decorrentes do ritmo próprio dessas aquisições infantis.

As aquisições socioemocionais estiveram relacionadas tanto à independência quanto à dependência. Em termos de independência, foram predominantes a manifestação de opiniões e escolhas, de teimosia e insistência, além de expressão de preferências ligadas a diversas áreas do desenvolvimento (alimentação, cuidados pessoais e de higiene). Embora tenha havido destaque para as aquisições de independência, a dependência também foi relatada. As crianças buscavam presença e contato físico, estando ainda muito ligadas às mães. Também foram relatadas oscilações nos comportamentos de independência e dependência, em momentos de separação. Mesmo que as aquisições socioemocionais confirmaram maior independência à criança (Mamede, 2002; Reid, 1992), ocorrem oscilações (Steiner, 1999). Mesmo que no segundo ano a criança adquira maior autonomia física, psicologicamente ainda precisa explorar a ideia de estar apta a efetivar separações das figuras parentais (Miller, 1999).

As mães sentiram-se impotentes e estressadas frente às iniciativas, preferências, birras e teimosia dos filhos, e cansaço frente às exigências de interação. Pode ser difícil abdicar da função materna, sendo mais fácil sentir-se maternal quando seu bebê é ainda dependente, do que quando, pelo crescimento, ele já começa a gostar de ser separado, independente e desafiador (Winnicott, 2005). Nesse sentido, para Winnicott (1983), é necessário que a mãe esteja disponível emocionalmente para atender às necessidades decorrentes do desenvolvimento infantil e que possa integrar os diversos sentimentos suscitados pela maternidade, contribuindo,

assim, para estruturar a vida emocional da criança. Em alguns casos, as mães podem incentivar a independência da criança e, em outros, alternar a proximidade e o libertar-se do bebê (Mahler, 1982). Para a autora, concomitante ao processo de separação-individuação do bebê, parece haver um processo de separação semelhante na mãe, em relação ao filho.

É possível perceber que as manifestações de independência podem ocorrer ao longo do processo de desenvolvimento, havendo incremento de aquisições socioemocionais durante o segundo ano de vida. Diante de um afastamento do filho, decorrente das aquisições socioemocionais de independência, as mães podem temer o vazio deixado em casa e em si mesmas (Winnicott, 2005). Os achados do presente estudo corroboram as ideias winniciotianas, pois diante das separações, algumas mães pareceram não conceber bem a ideia de deixar o filho ir, embora desejassesem, por outro lado, que ele crescesse e encontrasse o mundo. Em contraste, Reid (1992) aponta que algumas mães gostam mais dessa fase da vida de seu filho do que da dependência dos dois primeiros anos, podendo sentir-se aliviadas com sua crescente independência e tranquilizadas com o aumento de suas habilidades, constantemente demonstradas nas atividades cotidianas.

O desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que avança através de graus crescentes de dependência relativa, e vai em direção à independência, com períodos de regressão à dependência (Winnicott, 2002). Aos 12 meses, conforme apontado por Lopes et al. (2007), foi possível observar que as primeiras manifestações de independência estiveram associadas a um incremento da atividade motora e do comportamento exploratório. Já aos 18 meses, houve aumento nas oscilações das manifestações de independência e dependência da criança, repercutindo na interação com a mãe, em termos de afastamento e reaproximação (Lopes et al., 2009). No presente estudo, as aquisições socioemocionais estiveram relacionadas tanto ao desenvolvimento linguístico e motor quanto ao intelectual-cognitivo, o que indica a interrelação das diferentes aquisições e suas repercussões na interação com a criança.

As mães costumam apresentar diferentes sentimentos diante das manifestações de independência e

iniciativas de seu filho, no segundo ano de vida. Essas mudanças e o modo como a criança e a família lidam com as mesmas, podem repercutir no seu relacionamento com o mundo. Para Winnicott (1983), há uma distinção muito sutil entre a compreensão da mãe quanto às necessidades do filho, baseada na empatia, e sua mudança para uma compreensão baseada em algo na criança pequena que indique necessidade. Isso pode ser especialmente difícil para as mães, pelo fato de as crianças oscilarem entre um estado de dependência e outro de independência. No mesmo sentido, Steiner (1999) retoma que a reação da mãe ao crescimento do filho pode despertar diversos sentimentos, tanto de prazer, como de perda ou rejeição, o que pode repercutir também na criança e em suas explorações do mundo.

## Considerações Finais

Os achados do presente estudo permitem entender que no segundo ano de vida há importantes e complexas aquisições de desenvolvimento, as quais devem ser compreendidas de maneira global e interligada. Cada aquisição está ligada à outra e repercutem diretamente na relação com a mãe, despertando diferentes sentimentos. Compreender essas aquisições considerando os diversos aspectos do desenvolvimento, como linguagem, aquisições motoras, intelectuais/cognitivas e socioemocionais, constituiu-se um dos grandes desafios deste trabalho.

Novos estudos integrando longitudinalmente os dados ao longo dos primeiros anos do desenvolvimento infantil podem contribuir para o avanço da compreensão sobre as repercussões do crescimento para a maternidade. Pode-se considerar uma das limitações desta investigação seu caráter transversal, a partir dos relatos maternos. Dados observacionais também podem implementar os resultados de futuras pesquisas.

Constatou-se que, no segundo ano, ocorrem mudanças drásticas tanto para o bebê, que aperfeiçoa suas habilidades, como para os pais, que precisam de maior disponibilidade para acompanhar tais aquisições. Esse processo, que se inicia ao longo do primeiro ano, vai se aprimorando neste período, em que as significativas habilidades de desenvolvimento afetam os relacionamentos que a criança estabelece em seu ambiente.

A crescente independência costuma gerar sentimentos diversos nas mães, conforme constatado no presente estudo. As novas habilidades do filho podem tornar difícil para a mãe lembrar que a criança ainda conhece muito pouco do mundo, mesmo que seja capaz de se encantar com suas observações espontâneas, a partir do incremento de suas diversas aquisições. Essa mesma criança, que surpreende pelo crescimento, pode regredir e voltar a agir como um bebê que ainda precisa da mãe disponível para atender a suas necessidades infantis.

É importante para a mãe entrar em contato com os sentimentos, a fim de compreender que essa é uma forma de conhecer o filho em desenvolvimento. Assim, a mãe pode permitir-se ser ela mesma, confiando em sua capacidade de ser espontânea, podendo tanto sofrer com o afastamento decorrente da independência, como vibrar com o crescimento infantil. Esses movimentos de oscilação no processo de amadurecimento podem gerar momentos tanto de regressão, como de reabastecimento emocional para a dupla. A mãe pode favorecer a capacidade maturacional crescente do filho, possibilitando que a criança ultrapasse a dependência relativa rumo à independência.

## Referências

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2009). Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (2), 191-199.
- Aureli, T., & Presaghi, F. (2010). Developmental trajectories for mother-infant coregulation in the second year of life. *Infancy*, 15 (6). 557-585. Retrieved on April 15, 2011, from <[www.wiley.com/doi/10.1111/j.1532-7078.2010.0034.x/full](http://www.wiley.com/doi/10.1111/j.1532-7078.2010.0034.x/full)>.
- Brazelton, T. B. (2002). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil* (2<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *As necessidades essenciais das crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brownell, C. A., & Carriger, M. S. (1990). Changes in cooperation and self-other differentiation during the second year. *Child Development*, 61 (4), 1164-1174.
- Castro, E. K., & Piccinini, C. A. (2004). Experiência de maternidade de mães de crianças com e sem doença crônica no segundo ano de vida. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9 (1), 89-99.
- Colson, E. R., & Dworkin, P. H. (1997). Toddler Development. *Pediatrics in Review*, 18 (8), 255-259.
- Cornish, A. M., McMahon, C., & Ungerer, J. A. (2009) Postnatal depression and the quality of mother-infant interactions during the second year of life. *Australian Journal of Psychology*, 60 (3), 142-151.
- Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dunn, J., Plomin, R., & Daniels, D. (1986). Consistency and change in mother's behavior toward young siblings. *Child Development*, 57 (2), 348-356.
- Gardner, M. R., & Deatrick, J. A. (2006). Understanding interventions and outcomes in mothers of infants. *Issues in Comprehensive Paediatrics Nursing*, 29 (1), 25-44.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIdep/UFRGS/CNPq. (1998a). *Entrevista de dados demográficos*. Instrumento não-publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psico-patologia - GIdep/UFRGS/CNPq. (1998b). *Ficha de contato inicial*. Instrumento não-publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psico-patologia - GIdep/UFRGS/CNPq. (1999). *Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento infantil aos 24 meses*. Instrumento não-publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status*. Unpublished manuscript, Yale University, New Haven.
- Lamônica, D. A. C., & Picolini, M. M. (2009). Habilidades do desenvolvimento de prematuros. *Revista CEFAC*, 11 (2), 145-453.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, R. C. S., Oliveira, D. S., Vivian, A. G., Bomhgarehn, L. M. C., Tudge, J. R. H., & Piccinini, C. (2007). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: convivendo com as novas aquisições infantis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 5-15.
- Lopes, R. C. S., Oliveira, D. S., Vivian, A. G., Silva, C. V., Tudge, J. R. H., et al. (2009). Percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança dos 18 aos 20 meses. *Psicologia em Estudo*, 14 (2), 221-232.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artmed.
- Mamede, M. M. (2002). A criança na família e a família da criança. In L. Corrêa Filho, M. E. Corrêa & P. S. França (Eds.), *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê* (pp.481-493). Brasília: LGE.
- McGuigan, N., & Núñez, M. (2006). Executive Functioning by 18-24-month-old children: effects of Inhibition, working memory demands and narrative in a novel detour-reaching task. *Infant and Child Development*, 15, 519-542.
- Mendes, D. M. L. F., & Moura, M. L. S. (2004). Desenvolvimento da brincadeira e linguagem em bebês de 20 meses. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (3), 215-222.

- Miller, L. (1999). Babyhood: becoming a person in the family. In D. Hindle & M. V. Smith. *Personality development: a psychoanalytic perspective* (pp.33-47). London: Routledge.
- Moura, M. L. S., & Ribas, A. F. P. (2002). Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas. *Estudos em Psicologia* (Natal), 7(2), 207-215.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen* (8ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perez-Sánchez, M. (1998). *O segundo ano de vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Piccinini, C. A., Tudge, J., Lopes, R. S., & Sperb, T. M. (1998). *Estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola*. Projeto de pesquisa não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pine, F. (2004). Mahler's concepts of "symbiosis" and separation-individuation: revisited, reevaluated, refined. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 52 (2), 511-533.
- Poulin-Dubois, D., Serbin, L. A., Eichstedt, J. A., Sen, M. G., & Beissel, C. F. (2002). Men don't put on make-up: toddlers' knowledge of the gender stereotyping of household activities. *Social Development*, 11 (2), 166-181.
- Reid, S. (1992). *Compreendendo seu filho de dois anos*. Rio de Janeiro: Imago
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Thomson.
- Steiner, D. (1999). The toddler and the wider world. In D. Hindle & M. V. Smith. *Personality development: a psychoanalytic perspective* (pp.48-62). London: Routledge.
- Tudge, J. R. H., & Frizzo, G. F. (2002). *Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola*. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (2002). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 17/5/2011  
Aprovado em: 5/6/2012